



## **Bots, algoritmos, petições e postagens revoltosas: a recepção de filmes nas redes sociais e a polêmica pública online entre fãs sobre o filme Os últimos Jedi**

Thais Farias Lassali<sup>1</sup>

### **Resumo**

Criada por George Lucas na década de 1970, a franquia Star Wars tem sido, desde então, um dos universos narrativos mais celebrados e consumidos da indústria cinematográfica hollywoodiana. Filmes, desenhos animados, gibis, livros, fantasias, bonecos, jogos eletrônicos, brinquedos ajudaram, no decorrer dos anos, a mediar a relação dos fãs com seus personagens e histórias favoritas. Com a popularização da internet, no final da década de 1990, o contato dos aficionados entre si e com o universo da franquia ganhou novos mediadores: fóruns, sites de fanfiction, redes sociais e plataformas de compartilhamento de imagens e vídeos se tornaram locais online de encontro, compartilhamento, criação, elaboração e divulgação do universo narrativo criado por Lucas. Com isso em mente, a presente comunicação oral pretende lidar com parte da recepção do filme Star Wars: Episódio VIII – Os últimos Jedi (Star Wars: Episode VIII – The Last Jedi, Johnson, 2017). Considerado polêmico por parte do público, ele obteve uma recepção bastante dividida do fandom, com pessoas chegando a criar um abaixo-assinado online pedindo que a obra fosse retirada do cânone da franquia, principal objeto de apreciação dessa comunicação. O que se viu no referido caso é paradigmático do modo como tem se dado a recepção de certos filmes em redes sociais, principalmente aqueles com protagonistas pertencentes a minorias sociais. De um modo geral, o que poderia ser apenas uma discordância entre fãs acabou se tornando uma polêmica pública cujo campo de batalha foram postagens, resenhas, petições e vídeo-ensaios, se tornando, em parte, um produto dos algoritmos que forçam o engajamento por meio da mobilização de afetos extremados. Para promoção dessas opiniões, tornou-se notória a utilização do uso de bots, de contas falsas e de atividades coordenadas. Assim, tal querela acabou envolvendo um emaranhado de redes sócio-técnicas que abrangem, dentre outros: as pesquisas de marketing na criação de obras ficcionais por parte de conglomerados de mídia, bem como a utilização dos algoritmos das redes e plataformas como estratégia de publicidade e de anti-publicidade e também os afetos mobilizados pela criação de grupos de afinidades e identificação intermediadas pelo consumo dos objetos midiáticos em questão. Tais redes tem se entrelaçado de maneira que as polêmicas envolvendo fãs nas redes têm se tornado cada vez mais comuns, influenciando novas formas de consumo e de relação com universos narrativos ficcionais.

Palavras-chave: cinema hollywoodiano, Star Wars, estudos de recepção, consumo, redes sociais

A presente comunicação oral faz parte dos desenvolvimentos da minha pesquisa de doutorado, em curso no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Unicamp com

---

<sup>1</sup> Mestra em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas. Doutoranda pelo mesmo Programa.

financiamento da FAPESP. Em poucas palavras, investigo a recepção online (na plataforma YouTube) do filme *Star Wars: Episódio VIII - Os últimos Jedi* (Johnson 2017), parte da franquia homônima criada por George Lucas e hoje abarcada pela Disney. No presente trabalho e na minha pesquisa, parto da compreensão de que o cinema é uma tecnologia, nos termos de Lauretis (1984), o que significa vê-lo como “uma relação entre [aspectos] técnico[s] e soci[ais] que envolve[m] os sujeitos” (Lauretis 1984: 35). Ou seja, como um conjunto de técnicas e práticas de produção e recepção de filmes que gera efeitos sociais tanto em quem os realiza, quanto em quem os assiste. Ao mesmo tempo, a relação dos espectadores com dada obra fílmica é dialógica, pode se estender e se modificar no decorrer do tempo. Dessa maneira, o filme não é apenas com um produto cultural acabado em si mesmo, mas também as diversas recepções que ele recebe porque, como também estabeleceu Lauretis (1988), elas estão, a todo momento, atualizando essa obra.

À parte de toda dialogia presente no processo de recepção, tratar o cinema como uma tecnologia também significa entender que ele pode se constituir como um regime de verdade no qual “os discursos são encapsulados em estruturas institucionais que excluem certas vozes, estéticas e representações” (Shohat e Stam 2006: 44) e isso, invariavelmente, influencia também o processo de compreensão do filme por parte do espectador. É nesse jogo entre a explosão dialógica que o cinema pode ser e as exclusões que vão acontecendo no decorrer do processo de produção e recepção que minha pesquisa e essa apresentação se inserem.

A franquia *Star Wars* veio ao mundo em 1977 com o filme homônimo criado e dirigido por George Lucas. Com imenso sucesso dentro e fora dos Estados Unidos, vieram mais dois filmes na década de 1980, produzidos por Lucas, e uma diversa gama de produtos associados à eles, tais como brinquedos, bonecos, camisetas, livros, revistas em quadrinhos, além dos personagens mais famosos de uma galáxia muito, muito distante também estamparem as caixas de diversos produtos alimentícios. Depois que o último filme dessa primeira trilogia foi lançado em 1983, o fenômeno intergalático que dominou os lares estadunidenses, se mantendo vivo em nichos, até o anúncio do lançamento de uma segunda trilogia na segunda metade dos anos 1990. Teve grande papel nisso o relançamento nos cinemas das películas originais, dessa vez remasterizadas, contando com muitas modificações feitas por meio da computação gráfica. A possibilidade de novas incursões sobre esse universo narrativo reviveu a chama sobre a franquia, tornando-a novamente um fenômeno de grande escala, onde quer que Hollywood chegue.

A expectativa dos fãs e dos cinéfilos sobre esse novo conjunto de filmes encontrou diversos locais de espraiamento, desde jornais e revistas, até nos cineclubes ou nas próprias filas de cinema. Entretanto, o mais peculiar desses espaços definitivamente foi online. De um modo geral, a popularização da internet reforçou os laços e o alcance dos grupos de fãs, permitindo que qualquer pessoa que se sentisse familiarizada o suficiente com qualquer universo narrativo encontrasse outras pessoas com quem compartilhá-lo. Com *Star Wars* isso não foi diferente.

Em grupos de correio eletrônico e em fóruns ao redor da internet, aqueles que esperavam avidamente por notícias sobre os novos filmes de *Star Wars* se juntavam àqueles que gostavam de especular e de debater sobre as novas possibilidades abertas para a franquia. Dessa maneira, o esperado *Star Wars: Episódio I – A ameaça fantasma* (Lucas 1999) já existia na mente dos fãs como especulação e expectativa antes mesmo de chegar às telonas. Os fãs da franquia e o espaço online foram um encontro tão frutífero que muito rapidamente o fandom criou seus próprios espaços de interação, tais como o portal [TheForce.net](http://TheForce.net)<sup>2</sup>, já em 1996 e, mais recentemente, a [Wookieepedia](http://Wookieepedia)<sup>3</sup>, em 2005.

Esses passos se multiplicaram de tal maneira e ganharam relevância entre os fãs de tal forma que o que entre o final dos anos 1980 e meados dos 90 parecia um nicho, começou a se tornar um grupo maior, mais visível e também mais vocal, por assim dizer. A ponto de George Lucas, em entrevista, dizer que as raízes que mantém *Star Wars* vivo são como a santíssima trindade: ele, o Criador, lado a lado do próprio material que conforma o escopo ficcional da franquia e dos fãs, que, assim como Jesus, também criaram coisas novas a partir da Palavra.

Foi justamente nesses espaços que os diversos lançamentos audiovisuais, literários e gráficos dos anos 2000 da franquia eram comentados, debatidos, elogiados, criticados e reverberados. Com o lançamento do YouTube em 2006, a rede se tornou um local no qual os fãs publicavam vídeos analisando, criticando, rememorando, reinventando e criando pastiches com as obras. Esses vídeos são correntemente compartilhados pelos fóruns e nas redes sociais, criando um ciclo de criação e comentário sobre conteúdos que se retroalimenta e se estende por múltiplas redes.

---

<sup>2</sup> Site de notícias e fórum online especializado no universo de *Star Wars*.

<sup>3</sup> Enciclopédia online, baseada no formato da Wikipedia, onde podem ser encontradas informações sobre as mais diversas frentes e assuntos da franquia *Star Wars*.

Foi também online que a venda da Lucasfilm, produtora de George Lucas responsável pela franquia, para a Disney foi amplamente debatida (Proctor 2013), bem como a trilogia anunciada pela empresa do Mickey, que chegou aos cinemas entre 2015 e 2019. Evidentemente, *Star Wars – Episódio VII: O despertar da Força*, *Episódio VIII: Os últimos Jedi* e *Episódio IX: A ascensão Skywalker*, no momento de seu lançamento, foram tópicos correntes entre fãs nas redes sociais, nos fóruns e no YouTube. Mas, dos três, *Os últimos Jedi* com certeza foi o mais polêmico. Dirigido por Rian Johnson, o filme causou alvoroço por tentar desconstruir certos aspectos considerados tradicionais na franquia. Além de fazer um comentário social de modo mais explícito<sup>4</sup>, *Os últimos Jedi* retrata as complexidades do heroísmo, acompanhando a jornada de personagens clássicos (como a de Leia Organa, antes princesa, agora general, e de Luke Skywalker) e novos (Rey, a nova personagem principal, e Poe Dameron) na descoberta de novos modos de serem heróicos.

Nos comentários e debates online sobre o filme, nas mais diferentes redes sociais, se tornaram comuns falas agressivas. Muitas associavam o que consideram um problema no filme com o “feminismo”, notadamente pontuando como ele havia estragado as memórias de infância caras a estes homens (veremos que, em geral, são também brancos e heterossexuais). Entretanto, é preciso dizer que pessoas que não necessariamente concordam com tais críticas exacerbadas também não gostaram de *Os últimos Jedi*. Os argumentos mais comuns, conforme mostraram minhas incursões à redes sociais, fóruns e sites catalogadores de críticas, se relacionavam com o tratamento dado a Luke, correntemente considerado desrespeitoso com um personagem tão importante para a saga e para o imaginário social de grande amplitude, bem como com o desenvolvimento de roteiro, tido como fraco e confuso. Outra “heresia” que provocou revolta diz respeito a uma cena específica em que a personagem Leia Organa se utiliza da Força, algo visto como incongruente com a personagem, que, para essas pessoas, nunca havia demonstrado nenhuma forma de acesso à Força<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Um dos arcos do filme envolve uma cidade-cassino, ponto turístico para aqueles que enriqueceram por conta do embate bélico retratado na obra. Ela dá a entender que a cidade se mantém a partir do trabalho forçado de crianças. O objetivo desse arco é desenvolver um dos personagens, Finn, dando a ele um motivo pelo qual lutar ao lado dos heróis da história. Ao mesmo tempo, se trata de um comentário sobre as complexidades de uma guerra, quem ela atinge e como ela é financiada.

<sup>5</sup> Existem passagens em *O império contra-ataca*, *O retorno de Jedi* e *O despertar da Força* em que Leia demonstra ter um poder sensitivo que pode ser compreendido como utilização da Força. No primeiro filme citado, ela sente que Luke está em perigo enquanto batalha contra Darth Vader e sabe exatamente onde encontrá-lo. No segundo, a princesa sente que seu irmão está bem, mesmo estando em outro planeta, enquanto no último filme ela sabe que Han Solo foi assassinado por seu filho mesmo sem presenciar a cena. Não obstante tais indícios de que ela, filha de Anakin Skywalker (ele próprio portador da Força), a exposição destas habilidades neste oitavo filme causou

Entretanto, o que mais chama atenção sobre a recepção do público do filme de Rian Johnson é que ele estava mobilizando paixões extremadas. À época, aparentava não ser possível simplesmente achar o filme mediano, ou expressar críticas positivas e também ponderar haver outros problemas: ou este filme era a melhor coisa já feita ou era a ruína da franquia. Houve quem tentasse começar um financiamento coletivo para refazer o filme e, logo após o lançamento, em 14 de dezembro de 2017, um fã chegou a fazer um abaixo-assinado que, em uma semana, contava com quase 50 mil assinaturas e foi encerrada com um pouco mais de 115 mil: a petição solicitava que o Episódio VIII fosse retirado do cânon oficial, argumentando que se tratava de “uma imitação grotesca [*travesty*]” que “destruiu completamente o legado de Luke Skywalker e dos Jedi (...). Não pegue algo que muitos de nós amamos tanto e destrua dessa maneira. Deixe-nos ficar com nossos heróis” (Walsh 2017).

Nos comentários feitos pelos assinantes, é possível ler que o diretor era “um pedaço de merda”, que ele estava tentando “puxar para a cultura moderna algo atemporal como Star Wars” (nesse sentido, tomado como atemporal, o que reforça seu caráter “universal”), “estragando [a franquia] e seu legado” e cometendo “uma blasfêmia”, “uma abominação”, “uma desgraça”. No geral, os comentários tendem a apelar para a importância da série de filmes para a cultura “pop” e dos Estados Unidos, reiterando a manutenção do que se considera suas ideias “fundadoras”, entendendo que o Os últimos Jedi não mantinha tais ideais, pelo contrário, os destruía. É digno de nota a insistência na utilização de um léxico que gira ao redor da noção de tradição e que condena o que o filme apresentou por meio de palavras ligadas à ideia de condenação religiosa, com “blasfêmia” e “abominação” sendo as mais recorrentes. Também considero relevante que a expressa maioria dos assinantes apresentem nomes socialmente reconhecidos como masculinos.

Há ainda quem insista que o filme promovia o “feminazismo”, que algo tão amado não deveria ser “uma ferramenta utilizada para empurrar com força suas próprias ideias políticas goela abaixo”, bem como há também quem está expressamente pedindo que a franquia fosse “tratada com mais cuidado e menos promoção de ideário político [*political agenda*]”. Esse tipo de comentário, aparentemente mais radical do que os anteriormente expostos, enxerga no filme um esforço em pautar demandas de movimentos sociais, expressamente o feminismo,

---

forte reação e crítica, o mais contestado por esse público que por hora caracterizo como conservador, hesitante em aceitar mudanças na franquia.

colocando-o indelevelmente em um campo político mais à esquerda<sup>6</sup>. Não consigo desatrelar, entretanto, esse tipo de exposição mais radicalizada com aquelas aparentemente mais brandas, justamente pela necessidade de análise do universo léxico exemplificado nesses últimos exemplos. Ambas narrativas partem de certo aceno ao que se considera tradicional dentro do universo de *Star Wars*, ainda que as falas mais extremadas procurem expressar esse tipo de incômodo principalmente relacionando-o com o contexto político estadunidense que, como o brasileiro, se encontra imerso em moralismo anti-minorias – o que já era visível nos anos próximos ao lançamento da presente trilogia.

Replicando as campanhas eleitorais tanto daqui quanto de lá, é possível constatar que houve também o uso de *bots*<sup>7</sup>, de contas falsas<sup>8</sup> e de atividades coordenadas para publicizar opiniões contrárias ao filme. Como nos mostra Morten Bay, existem evidências de que o debate público ao redor de *Os últimos Jedi*, o primeiro filme de *Star Wars* lançado durante o período da presidência de Donald Trump, estivesse sendo alvo de “táticas de influência de mídia social deliberadas e organizadas, empregadas por operadores politicamente motivados” (Morten 2018: 3). Mais especificamente, era alvo de “tentativas de persuasão política de direita para defender valores conservadores, bem como o sexismo, o racismo e a homofobia nas discussões em mídias sociais sobre o filme” (Morten 2018: 6).

O autor analisou interações enviadas publicamente por meio da rede social Twitter até sete meses depois do lançamento do *Episódio VIII* para a conta do seu diretor, Rian Johnson, concluindo que 21% das publicações relacionadas ao filme continham conteúdo negativo. Dessa porcentagem, metade tinha como origem bots, contas falsas e outros tipos de perfis criados com clara motivação política. Essa última categoria se refere aos usuários humanos que expõem seu nome e foto reais, cujo recorte temático da conta está correntemente relacionado à

---

<sup>6</sup> Morten Bay, pesquisador do Center for the Digital Future da University of South California, considera que, no debate público sobre o filme, *Os últimos Jedi* chegou a ser tratado como um equivalente para “esquerda”. Cf. Bay, Morten (2018). *Weaponizing the haters: The Last Jedi and the strategic politicization of pop culture through social media manipulation*, p. 6.

<sup>7</sup> Se refere a contas controladas por software, com pouco ou nenhum controle humano, que replicam conteúdo pré-determinado e interagem com outras contas nas redes sociais utilizando inteligência artificial capaz de replicar a escrita humana. A Indiana University, por meio do Observatory on Social Media (OSoMe), criou uma ferramenta de avaliação da probabilidade de uma conta ser não-humana, o que pode ser encontrado no seguinte link: <<https://botometer.osome.iu.edu>>.

<sup>8</sup> Estou chamando de contas falsas o que Morten (2018) classifica como *sock puppets*, contas criadas por o que se presume serem pessoas reais com o objetivo de postar conteúdo que não postariam em suas contas “verdadeiras”. É provável que essas pessoas controlem diversas contas com o objetivo de promover um assunto específico. Estou incluindo na mesma nomenclatura contas que Morten (2018) chama de *trolls*, aquelas cujo objetivo principal é irritar, manipular e ofender outros usuários. Esses perfis podem corresponder a pessoas reais, mas, na maioria dos casos, dizem respeito a contas criadas especificamente para esse fim.

política, frequentemente assumindo posições favoráveis ao presidente Trump. Não é possível afirmar, a partir do estudo de Bay, o posicionamento geral dos fãs de *Star Wars*, porque seu recorte foi bastante restrito. Entretanto, fica evidente que existiu, por parte do que parece ser um grupo minoritário, o interesse em utilizar *Os últimos Jedi* como meio de discussão política. No fim das contas, existe nessa querela todas diversas tentativas de promoção de ideário político, menos à esquerda do que aqueles que assinaram a petição contra o filme supõem.

De qualquer modo, esse caso revela como a recepção cinematográfica online tem se tornado, na última década, um campo de batalha. Episódios parecidos ocorreram com outros filmes que podem ser classificados em dois grupos: aqueles que contêm minorias sociais em posição de protagonismo, caso por exemplo de *Mad Max: Estrada da Fúria* (Miller 2015), e aqueles que retratam personagens popularizados por histórias em quadrinhos, também conhecidos como filmes de herói, tal como *Capitã Marvel* (Boden e Fleck 2019). Por um lado, o conflito tem sido, desde a popularização da internet, um mediador comum em grupos online, principalmente de fãs (Morimoto e Chin 2017: 443). Principalmente por se tratarem de grupos altamente heterogêneos, com origens sociais muitas vezes discrepantes que, conseqüentemente, acabam tendo relações assimétricas de poder. Ao mesmo tempo, esses conflitos na recepção dos filmes têm se tornado, em parte, um produto dos algoritmos que forçam o engajamento por meio da mobilização de afetos extremados.

Soma-se a isso o contexto histórico dos anos 2010, em que debates sobre o local social das minorias têm ganhado destaque, principalmente por meio de produções artísticas. Nos Estados Unidos, dois grandes exemplos disso são o destaque que a chamada representatividade [*media representation*] tem ganho nos debates públicos e o movimento #EuTambém [#*MeToo*]. O primeiro se refere ao diagnóstico de que existe pouca diversidade nas representações da mídia, em suas mais diferentes frentes, e de que isso é um problema que poderia ser sanado pelo aumento de pessoas de minorias em posições de destaque. Isso se refletiu na crítica às grandes premiações, tais como o Oscar (e a #*OscarsSoWhite*), por majoritariamente indicarem artistas brancos, muitas vezes ignorando produções, diretores e atores negros de destaque. O segundo diz respeito ao movimento, ocorrido em 2017, de atrizes como Gwyneth Paltrow, Ashley Judd e Uma Thurman, dentre outras, que começaram a publicizar casos de assédio na indústria do entretenimento estadunidense.

Somando todos esses fatores, está posta a receita para o caos: grupos heterogêneos que historicamente tem suas relações mediadas pelo embate, em um contexto de acirramento de questões sociais e que se encontram em meios online cujos algoritmos tomam o confronto como uma forma salutar de engajamento. Dessa forma, a recepção online de certos filmes tem se tornado campos de batalha ideológica.

## Referências

- BAY, Morten. 2018. “Weaponizing the haters: The Last Jedi and the strategic politicization of pop culture through social media manipulation”. *First Monday*, 23(11).
- LAURETIS, Teresa de. 1994. “Tecnologia de gênero”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco.
- LAURETIS, Teresa de. 1988. “Sexual Indifference and Lesbian Representation”, *Theatre Journal*, 40 (2):155-177.
- PROCTOR, William. 2013. ““Holy crap, more Star Wars! More Star Wars? What if they’re crap?”: Disney, Lucasfilm and Star Wars online fandom in the 21st Century”. *Participations*, 10(1): 198-224.
- SHOHAT, Ella e STAM, Robert. 2006. *Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*. São Paulo: CosacNaify.
- WALSH, Henry. 2017. “Have Disney strike Star Wars Episode VIII from the official canon”. Petição online. Disponível em: <<https://www.change.org/p/the-walt-disney-company-have-disney-strike-star-wars-episode-viii-from-the-official-canon?redirect=false>>. Acessado em: 10 de setembro de 2020.